

Volume 40
Número 3
Ano 2025
Id e60282

Editorial do Dossiê: A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul
Global

DOI: 10.1590/s0102-6992-20254003e60282

Rumo a uma sociologia pós-secular: contribuições a partir do Sul

Paulo Gracino Junior

Universidade de Brasília, Instituto de Ciências Sociais,
Departamento de Sociologia, Brasília, DF, Brasil.

email: paulo.junior@unb.br
orcid: 0000-0002-6764-4797

Mayra Goulart da Silva

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia
e Ciências Sociais, Departamento de Ciência Política, Rio de
Janeiro, RJ, Brasil.

email: mayragoulart@gmail.com
orcid: 0000-0002-6955-1586

Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.



Recebido em: 02/11/2025
Aprovado em: 29/11/2025

Editoria: Eduardo Dimitrov

Rumo a uma sociologia pós-secular: contribuições a partir do Sul

Paulo Gracino Junior, Mayra Goulart da Silva

Resumo: A sociologia das religiões tem sido desafiada pela crescente relevância pública da religião, contrariando as teses clássicas da secularização. Nas últimas décadas, o fenômeno religioso voltou a ocupar papel central na compreensão de processos sociais, políticos e morais, especialmente no contexto do Sul Global. Na América Latina, destacam-se a atuação política de grupos evangélicos, os efeitos modernizantes da conversão e as tensões entre religião, Estado e pluralismo. A recente onda conservadora global reforçou a articulação entre racionalidade neoliberal, discursos morais e mobilização religiosa, produzindo gramáticas políticas reativas. Este dossiê analisa essas transformações a partir de três eixos: as afinidades entre neoliberalismo e conservadorismo religioso; as negociações entre religião e Estado; e as contranarrativas oriundas do Sul Global, incluindo resistências internas às tradições religiosas e propostas alternativas, como a ecologia política inspirada na teologia da libertação.

Palavras-chave: Sociologia da Religião; Secularização; Neoliberalismo; Conservadorismo; Sul Global.

Abstract: The sociology of religion has been challenged by the renewed public relevance of religion, which contradicts classical secularization theories. In recent decades, religious actors have become central to understanding social, political, and moral dynamics, particularly in the Global South. In Latin America, this includes the political rise of evangelical groups, the modernizing effects of conversion, and tensions surrounding the secular state and religious pluralism. A global conservative wave has intensified the alignment between neoliberal rationality, moral discourse, and religious mobilization. This special issue examines these shifts through three analytical axes: the affinities between neoliberalism and religious conservatism; the negotiations between religion and the state; and counter-narratives emerging from the Global South, including internal religious resistances and alternative projects such as political ecology grounded in liberation theology. Together, the articles map contemporary religious reconfigurations and their impact on democratic and social futures.

Keywords: Sociology of Religion; Secularization; Neoliberalism; Conservatism; Global South.

Apresentação do Dossiê

Nas últimas décadas, a sociologia das religiões tem sido posta em xeque por um fenômeno persistente, ou seja, a intensificação — progressiva e, para muitos, inesperada — da presença religiosa como variável sociológica incontornável para o entendimento de processos sociais. Ferida de morte pelo avanço da modernidade, como prenunciaram algumas de suas mais canônicas prognoses, a religião se rearticula e ressurgue como um significante potente nos mais diversos campos da vida contemporânea, atuando como um dispositivo de produção de subjetividades, moralidades e formas de vida — da cultura à política, passando pelos intrincados debates ético-científicos. Tal cenário tem fomentado um profícuo debate sobre a porosidade das fronteiras entre o religioso e o político, com reflexos na forma como entendemos a democracia, a laicidade do Estado e os próprios alicerces da teoria social, cujo edifício ainda se apoia, em boa medida, no paradigma da secularização. Mesmo reconhecendo a notória polissemia do termo (Dobelaere, 1981; Martin, 1993), a secularização emergiu como a grande narrativa ocidental da modernidade, uma formação discursiva (Asad, 2003) que produziu determinados entendimentos do que é “o religioso” e “o secular”. De Max Weber — que reservou o termo secularização para designar a perda da influência pública das instituições religiosas, preferindo desencantamento para descrever a retirada dos motivos mágicos da

vida social (Pierucci, 1998) — a Peter Berger, que em seu *O Dossel Sagrado* (1985 [1967]) prognosticou a incontornável perda de plausibilidade das crenças religiosas em meio à concorrência de mundos de sentido, a secularização apresentou-se como um destino manifesto do Ocidente. Uma condição *sine qua non* tanto para a consolidação da modernidade nas sociedades avançadas, quanto para a emancipação dos chamados “povos intermediários”, que dependeriam do estabelecimento de um Estado laico fundado na razão.

Contudo, no mundo não-europeu, a persistência de Estados teocráticos no Oriente Médio — ilustrada pela Revolução Iraniana de 1979 —, a força do catolicismo da libertação na América Latina — da Revolução Sandinista aos movimentos de resistência às ditaduras no Brasil —, bem como a emergência da Moral Majority nos Estados Unidos, soaram um alerta sobre a obsolescência e a parcialidade das versões mais ortodoxas da teoria da secularização.

Enquanto estudiosos brasileiros, já nas décadas de 1960 e 1970, realizavam verdadeiros malabarismos teóricos para conciliar as teses desenvolvimentistas com o crescimento da visibilidade de religiões vistas como mágicas (Camargo, 1973; Rolim, 1985; Souza, 1969) — e, nos Estados Unidos, falava-se em uma “reestruturação” da religião americana (Wuthnow, 1988) —, a sociologia europeia, de modo geral, ainda cavalaria firme na trilha da secularização.

Porém, os acontecimentos do final do século XX — o colapso do socialismo real, a aceleração do processo de globalização e a revolução informacional — transformaram profundamente a ordem mundial e, com ela, a posição que o fenômeno religioso ocupava na escala de importância para se compreender a ordem social. Se até as décadas de 1970 e 1980, a propagação dos Novos Movimentos Religiosos na Europa podia ser tomada como um “efeito colateral” da modernidade — vista como projeto inacabado (Habermas, 1992) —, o crescimento das populações muçulmanas e das comunidades cristãs carismáticas, somado a episódios de repercussão pública como o *Caso Rushdie*, em 1989, ou as multidões nas Jornadas Mundiais da Juventude, de cunho católico, obrigou a comunidade científica a revisitar as teses da secularização.

É nesse contexto de refluxo teórico que, a partir da década de 1990, em vez de continuar compondo réquiens para a religião, autores como José Casanova (1994) e Peter Beyer (1994) se puseram a reavaliar o papel público que ideias religiosas desempenhavam em questões sociais. Assim, o eixo analítico deslocou-se da tese da privatização para os processos de desprivatização e publicização religiosa, articulando tal inflexão a fenômenos estruturais como a globalização (Pace, 1997), a crise das identidades modernas (Hervieu-Léger, 1993, 2005) e a superação da própria modernidade (Martelli, 1995).

Ao voltarmos nosso olhar para o Brasil e América Latina, percebemos que a discussão sobre a articulação entre religião e esfera pública, embora mimetize, por vezes, os debates teóricos europeus, segue uma trajetória singular e historicamente situada. Se na Europa o foco analítico recai predominantemente sobre o Islã e os desafios da gestão do pluralismo pós-migratório (Peach e Vertovec, 1997), a agenda de pesquisa latino-americana é definida por outros contornos. Entre nós, a investigação sociológica é dominada, de um lado, pela análise da penetração institucional de atores religiosos — notadamente evangélicos pentecostais — na política partidária (Freston, 1994; Machado, 2006; Mariano e Pierucci, 1992). De outro, ganham espaço os estudos que avaliam o impacto da adesão religiosa na vida dos fiéis e seu caráter modernizante, seja na superação da pobreza (Mariz, 1994b), nos rearranjos da esfera familiar (Machado, 1996) ou na demonstração de que a conversão ao pentecostalismo poderia operar um “abrandamento” da masculinidade tradicional, focado no abandono de vícios e na promoção de uma ética familiar estabilizadora (Mariz, 1994a). Paralelamente, persistem com vigor os debates sobre a modernização religiosa — seja sob a égide da secularização ou do desencantamento (Negrao, 2005; Pierucci, 2013) — e seus efeitos na configuração do diversificado campo

religioso brasileiro (Mariano, 2003; Negrão, 2008; Pierucci, 2004). Contudo, foi a surpreendente lufada conservadora que varreu o globo nas últimas décadas o elemento que viria a revigorar os estudos sobre religião nos dias que correm. Diante de um cenário de crise hegemônica generalizada (Gramsci, 2000), fruto da desestabilização neoliberal dos dispositivos que regulavam a democracia liberal e suas instituições, deram-se disputas por novas significações, erigindo a religião como eixo central de mobilização de significados para a onda conservadora. Na verdade, o reposicionamento do discurso religioso como ponto nodal — que está longe de ser uma peculiaridade do Sul Global —, dotado da capacidade de traduzir mal-estares contemporâneos em gramáticas de ação política, evidenciou de forma contundente o que se poderia chamar, nos termos de Chakrabarty (1992), do caráter provincial da teoria da secularização. Nesse processo, a Europa, outrora tida como modelo universal, viu sua narrativa mestra de declínio religioso reduzir-se à condição de caso excepcional (Davie, 2002) — uma ilha de secularidade em meio a um oceano de vozes religiosas vibrantes e públicas, invertendo a lógica que tomava a exceção pela regra. Embora os casos mais paradigmáticos como os de Donald Trump (Margolis, 2018) e Jair Bolsonaro (Almeida, 2019; Burity, 2018; Gracino Junior *et al.*, 2021) tenham como protagonistas grupos cristãos evangélicos (Du Mez, 2020), tal imbricamento transcende este espectro religioso, configurando um padrão global de afinidade entre neoliberalismo, conservadorismo e religião (Gracino Junior e Souza, 2020). Na Turquia, Zeynep Atalay (2019) demonstra como organizações islâmicas se tornaram veículos ativos de uma governamentalidade neoliberal durante o governo de Erdoğan, associando-se ao Estado na prestação de serviços sociais enquanto promovem um projeto familiar regressista. Na Índia, o projeto nacionalista de Narendra Modi ancora-se no hinduísmo (Chacko, 2018); assim como, na África do Sul, se observam aproximações entre neoliberalismo, evangelicalismo pentecostal e conservadorismo (Comaroff, 2012).

Mesmo em países centrais do ponto de vista capitalista, evidencia-se essa associação: nos EUA e na Inglaterra, por exemplo, instituições religiosas atuam como parceiras estatais na gestão da dependência química e na “evangelização da empregabilidade”, produzindo racionalidades neoliberais com certa eficácia (Hennigan e Purser, 2018; Jayne e Williams, 2020). Da mesma forma, observa-se que a atuação transnacional de igrejas neopentecostais, como a Igreja Universal do Reino de Deus, que, em países africanos, posicionam-se como aliadas do Estado na promoção de discursos morais e ideias de fundo neoliberal (Comaroff, 2009; Gracino Junior *et al.*, 2022).

É interessante observar que este amplo movimento reacionário, antes de ser um raio em céu aberto, tem como combustível principal a ascensão de Novos Movimentos Sociais (Scott, 2017). Estes movimentos, ao deslocarem o foco da luta classista para demandas plurais por reconhecimento — como políticas de gênero, direitos LGBTQ+ e antirracismo —, fraturaram as grandes narrativas dos Estados democráticos ocidentais ao denunciarem seus pilares heteronormativos, patriarcais e brancos.

A emergência de um novo consenso jurídico-político orientado pela inclusão e pelo respeito às diferenças (Prá e Epping, 2012), ainda que incipiente, foi interpretada por setores do establishment como uma ameaça iminente, catalisando e unificando a organização de uma contramobilização de caráter conservador. É precisamente neste cenário complexo que este dossiê se insere, com um enfoque a partir de estudos situados no Sul Global. Seu objetivo é acolher análises sobre as transformações no âmbito religioso em curso nas últimas décadas e seu entrecruzamento com outras dimensões da vida social. Interessou-nos, sobretudo, pensar a forma ativa com que algumas lideranças e agências religiosas têm se posicionado publicamente frente ao que a literatura sociológica classifica como “demandas por reconhecimento”. Buscamos compreender a capacidade desses agentes em traduzir discursivamente o mal-estar articulado pela corrosão social neoliberal, organizando tanto dispositivos normativos quanto consensos públicos que se convertem em gramáticas eficazes de ação política.

Dito isso, os artigos que compõem este dossiê organizam-se em torno de três eixos analíticos entrelaçados, que refletem algumas das principais linhas de força na reconfiguração contemporânea do religioso: as articulações e ressonâncias entre a racionalidade neoliberal e o conservadorismo religioso; as complexas negociações entre religião, Estado e pluralismo; e a emergência de contranarrativas e resistências desde o Sul Global.

No núcleo que explora as afinidades entre neoliberalismo e religião, “À espera dos bárbaros: neoliberalismo, antagonismo e a construção discursiva do masculinismo evangélico no Brasil” (Gracino Junior e Moraes, 2025) examina a construção discursiva da masculinidade evangélica no Brasil como tecnologia de poder que traduz a precariedade material em ressentimento e antagonismo cultural. Esta articulação entre economia moral e projeto político encontra ressonância em “Turkey as Producer and Exporter of Anti-Gender Politics” (Atalay, 2025), que demonstra como o Estado turco, em conluio com organizações islâmicas, opera como fábrica de ideologia antigênero, instrumentalizando a “sociedade civil” para legitimar um projeto que associa desenvolvimento neoliberal a um patriarcado reativo.

“Dois fatores de força do catolicismo brasileiro” (Souza e Sofiati, 2025), onde assistimos ao deslocamento do foco da suposta fragilidade católica para os recursos simbólicos — o culto mariano e a devoção juvenil — que sustentam, ainda, sua persistência no espaço público brasileiro; e “Maternidade em Comunidades Terapêuticas Religiosas: análise do acolhimento de mulheres usuárias de substâncias e seus filhos” (Targino, 2025), que examina como a maternidade é mobilizada como dispositivo moral para gerir trajetórias de mulheres vulneráveis em instituições confessionais, inclusive produzindo uma autoimagem materna dentro da qual as mulheres se veem e narram suas trajetórias.

Finalmente, as contranarrativas e resistências se manifestam tanto nas fissuras internas às tradições religiosas quanto em alternativas estruturais. No artigo “Evangélicos e Gênero no Brasil: uma revisão da produção socioantropológica” (Rosas, 2025) é revelada a ambivalência constitutiva do evangelicalismo, onde a mesma fé que reproduz hierarquias pode abrir espaços para sua renegociação e resistência. Em contraponto radical à racionalidade neoliberal, o artigo “Liberationist Christianity and Political Ecology in Latin America” (Martínez Andrade, 2025) recupera o legado da teologia da libertação, articulando-a às urgências do Antropoceno para propor uma ecologia política desde o Sul.

Em conjunto, estes artigos não apenas cartografam a paisagem religiosa contemporânea na sua complexidade, mas também forjam ferramentas analíticas para pensar como o religioso se constitui como campo de força vital, onde se travam batalhas decisivas sobre o futuro da democracia, da justiça e da própria ideia de sociedade no século XXI.

Referências

- ALMEIDA, R. **Bolsonaro presidente: conservadorismo, evangelismo e a crise brasileira** *Novos Estudos Cebrap* São Paulo, abr. 2019.
- ASAD, T. **Formations of the Secular: Christianity, Islam, Modernity**. Stanford: Stanford University Press, 2003.
- ATALAY, Z. **Partners in Patriarchy: Faith-Based Organizations and Neoliberalism in Turkey** *Critical Sociology*, 2019.
- ATALAY, Z. **Turkey as Producer and Exporter of Anti-Gender Politics: Islamic Civil Society’s Epistemic, Transnational, and Everyday Mobilizations** *Sociedade e Estado: Dossiê: A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul Global.*, 27 nov. 2025.
- BERGER, P. L. **O Dossel Sagrado: Elementos para uma Teoria Sociológica da Religião**. São Paulo: Paulus, 1985 [1967].
- BEYER, P. **Religion and Globalization**. Londres: Sage Publications, 1994.

- BURITY, J. A onda conservadora na política brasileira traz o fundamentalismo ao poder? *Em*: TONIOL, R.; ALMEIDA, R. DE (Eds.). **onservadorismos, fascismos e fundamenta-
lismos: Análises conjunturais**. Campinas: EduUnicamp, 2018. p. 15–66.
- CAMARGO, C. P. F. **Católicos, Protestantes, Espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- CASANOVA, J. **Public Religions in the Modern World**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.
- CHACKO, P. **The right turn in India: Authoritarianism, populism and neoliberalisation** *Journal of Contemporary Asia*, 2018.
- CHAKRABARTY, D. **Provincializing Europe: Postcoloniality and the critique of his-
tory** *Cultural studies*, 1992.
- COMAROFF, J. **The Politics of Conviction. Faith on the Neo-Liberal Frontier** *Social Analysis*, 2009.
- _____. Pentecostalism, populism and the new politics of effect. *Em*: FREEMAN, D. (Ed.). **Pentecostalism and development: Churches, NGOs and social change in Africa**. New York: Palgrave Macmillan, 2012. p. 41–66.
- DAVIE, G. **Europe: The exceptional case**. New York; London: Darton Longman & Todd, 2002.
- DOBBELAERE, K. **Secularization: a multi-dimensional concept** *Current sociology*, 1981.
- DU MEZ, K. K. **Jesus and John Wayne: How White Evangelicals Corrupted a Faith and Fractured a Nation**. Nova York: Liveright Publishing, 2020.
- FRESTON, P. **Evangélicos na Política Brasileira: História Ambígua e Desafios Éticos**. Curitiba: Encontro Editora, 1994.
- GRACINO JUNIOR, P. *et al.* «Os humilhados serão exaltados»: ressentimento e adesão evangélica ao bolsonarismo *Cadernos Metrópole*, 2021.
- GRACINO JUNIOR, P. *et al.* «E o verbo se fez carne, e habitou entre nós» - a transnacionalização sul-sul do pentecostalismo brasileiro: a IURD e o projeto da moderna angola *Cult. relig.* Iquique, 2022.
- GRACINO JUNIOR, P.; MORAIS, T. M. DO C. **À espera dos bárbaros: neoliberalismo, antagonismo e a construção discursiva do masculinismo evangélico no Brasil** *Sociedade e Estado: Dossiê: A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul Global*, 27 nov. 2025.
- GRACINO JUNIOR, P.; SOUZA, C. H. P. **Evangélicos e conservadorismo – afinidades eletivas: as novas configurações da democracia no Brasil** *Horizonte: Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, 2020.
- GRAMSCI, A. **Cadernos do Cárcere**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. v. 3
- HABERMAS, J. Modernidade um projeto inacabado. *Em*: ARANTES, O.; ARANTES, P. (Eds.). **Um ponto cego no projeto moderno de Jürgen Habermas**. São Paulo: Brasiliense, 1992.
- HENNIGAN, B.; PURSER, G. **Jobless and godless: Religious neoliberalism and the project of evangelizing employability in the US** *Ethnography*, 2018.
- HERVIEU-LÉGER, D. **La religion pour mémoire**. Paris: Éditions du Cerf, 1993.
- _____. **O Peregrino e o Convertido: A Religião em Movimento**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- JAYNE, M.; WILLIAMS, A. **Faith-based alcohol treatment in England and Wales: New evidence for policy and practice** *Health & Place*, 2020.

- MACHADO, M. D. C. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar** Encontro anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais (Anpocs), 1996.
- ____. **Política e Religião: A Participação dos Evangélicos nas Eleições**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- MARGOLIS, M. F. **From politics to the pews: How partisanship and the political environment shape religious identity**. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- MARIANO, R. **Efeitos da secularização do Estado, do pluralismo e do mercado religiosos sobre as igrejas pentecostais** Civitas: Revista de Ciências Sociais, 2003.
- MARIANO, R.; PIERUCCI, A. F. **O envolvimento dos pentecostais na eleição de Collor** Novos Estudos CEBRAP, 1992.
- MARIZ, C. L. **Alcoolismo, gênero e pentecostalismo** Religião e sociedade, 1994.
- ____. **Coping with poverty: Pentecostals and Christian base communities in Brazil**. Philadelphia: Temple University Press, 1994.
- MARTELLI, S. **A Religião na Sociedade Pós-Moderna: Entre Secularização e Dessecularização**. São Paulo: Paulinas, 1995.
- MARTIN, D. **A general theory of secularization**. [s.l.] Gregg Revivals, 1993.
- MARTÍNEZ ANDRADE, L. **Liberationist Christianity and Political Ecology in Latin America** Sociedade e Estado: Dossiê: A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul Global., 27 nov. 2025.
- NEGRÃO, L. N. **Nem "jardim encantado", nem "clube dos intelectuais desencantados"** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2005.
- ____. **Pluralismo e multiplicidades religiosas no Brasil contemporâneo** Sociedade e Estado, 2008.
- PACE, E. **Religião e Globalização**. Em: ORO, A.; STEIL, C. A. (Eds.). **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1997.
- PEACH, C.; VERTOVEC, S. (EDS.). **Islam in Europe: the politics of religion and community**. London: Palgrave Macmillan, 1997.
- PIERUCCI, A. F. **Secularização em Max Weber: da contemporânea serventia de voltarmos a acessar aquele velho sentido** Revista Brasileira de Ciências Sociais, 1998.
- ____. **Bye bye, Brasil": o declínio das religiões tradicionais no Censo 2000** Estudos avançados, 2004.
- ____. **Desencantamento do mundo**. São Paulo: Editora 34, 2013.
- PRÁ, J. R.; EPPING, L. **Cidadania e feminismo no reconhecimento dos direitos humanos das mulheres** Revista Estudos Feministas Florianópolis, 2012.
- ROLIM, F. C. **Pentecostais no Brasil: Uma Interpretação Socio-Religiosa**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ROSAS, N. **Evangélicos e Gênero no Brasil: uma revisão da produção socioantropológica**, 2025.
- SCOTT, J. C. **Against the Grain: A Deep History of the Earliest States**. New Haven: Yale University Press, 2017.
- SOUZA, A. R. DE; SOFIATI, F. M. **Dois fatores de força do catolicismo brasileiro** Sociedade e Estado: Dossiê: A religião como categoria sociológica: olhares desde o Sul Global., 27 nov. 2025.

SOUZA, B. M. **A Experiência da Salvação: Pentecostais em São Paulo**. São Paulo: Duas Cidades, 1969.

TARGINO, J. **Maternidade em Comunidades Terapêuticas Religiosas: análise do acolhimento de mulheres usuárias de substâncias e seus filhos**, 2025.

WUTHNOW, R. **The Restructuring of American Religion: Society and Faith since World War II**. Princeton: Princeton University Press, 1988.

Declaração de Disponibilidade de Dados

Os dados de pesquisa estão disponíveis no corpo do documento.